

## **Laboratório de Ensino**

**Este relatório foi elaborado pela equipe de monitoria da disciplina “Psicologia do Desenvolvimento II”, ministrada pela Professora Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira. O tema da aula do dia 27/05/2022 consistiu nas “Coordenadas Principais da Abordagem de Lacan”.**

Ariel Moura Alves (Graduanda em Psicologia pela UFF-Niteroi)

Gabriel Louis Magalhães Galliza (Graduando em Psicologia pela UFF-Niteroi)

Júlia Sardinha Leonardo Lopes Martins (Graduanda em Psicologia pela UFF-Niteroi)

Stefane de Souza Alvarenga (Graduanda em Psicologia pela UFF-Niteroi)

Flavia Lana Garcia Oliveira (Professora Adjunta A do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF-Niterói)

### **COORDENADAS PRINCIPAIS DA ABORDAGEM DE LACAN**

#### **O pai e sua função para a psicanálise:**

##### **Perguntas importantes para acompanharmos o fio lógico desta construção:**

Quais são as operações psíquicas em jogo no complexo de Édipo?

Qual é o papel das figuras parentais na estruturação psíquica?

Como alguém conquista as coordenadas simbólicas para a entrada na cultura?

- A perspectiva estruturalista lacaniana da castração como simbolização da falta inerente ao campo da fala e da linguagem.
- Os operadores simbólicos da estrutura da linguagem organizarão a relação ao grande Outro. O sujeito só se constitui como tal neste laço:
  - 1) Significante Nome-do-Pai => Pela via da Metáfora Paterna = Intervenção paterna
  - 2) Significante Falo = Significante da falta à dimensão do desejo

- Esta operação se dá a partir de alguns passos lógicos. Primeiramente, com a incidência imaginária do falo → Aqui a criança é identificada como o único objeto que pode satisfazer o desejo da mãe. Ou seja, ela é o falo imaginário materno.
- O falo imaginário é negativizado pela metáfora paterna. Surge a dimensão positivada como falo simbólico, que não é preenchedor da falta, mas a simboliza como causa do desejo, permitindo a emergência do sentimento de vida.
- Esses desdobramentos da função do falo ocorrem, para Lacan, na passagem pelos três tempos do Édipo, que inscrevem a incerteza psíquica da posição de falo imaginário do Outro materno.

Matema da Metáfora Paterna:

$$\frac{NP}{DM} \quad \frac{DM}{X} \rightarrow NP \frac{A}{\phi}$$

NP (Significante do Nome-do-Pai), DM (Significante do Desejo da Mãe), X (Significado para o sujeito), A (Autre - Outro em francês) e  $\phi$  (Letra grega que significa falo positivado em sua vertente simbólica).

**A periodização do ensino de Lacan:**

O ensino de Lacan não é homogêneo. Para tornar mais acessível, é indicado o texto de Miller: “Percurso de Lacan”. Resumidamente, pode ser separado em três ensinos:

**1º Ensino:** A obra freudiana à luz da Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss e da Linguística Estrutural de Ferdinand de Saussure e de Roman Jakobson. Releitura do Complexo de Édipo freudiano com a estrutura da Metáfora Paterna.

- Como alguém, um sujeito, conquista as coordenadas simbólicas para entrar na cultura?
- Como um sujeito se apropria da ordem simbólica na entrada da cultura?

**2º Ensino:** Pensar o que já havia sido abordado edipicamente, com o conceito de grande Outro a partir das operações que indiferenciam e diferenciam o sujeito no laço com o Outro e da

teorização sobre o objeto *a* como resto lógico destas operações de alienação e de separação. A lógica do fantasma como releitura da dimensão da fantasia em Freud.

- Seminários-chave: “A Angústia” (Seminário 10) e “Os conceitos fundamentais da psicanálise” (Seminário 11).

**3º Ensino:** A partir do “Seminário 20 – Mais, Ainda”.

- Nó borromeano – Para abordar como os sujeitos são efeito de uma amarração psíquica entre os registros do Real (Pulsões), do Simbólico (Linguagem) e do Imaginário (Imagem).
- O complexo de Édipo é concebido como uma forma de organização psíquica possível. Nas psicoses, como no caso de James Joyce, o Eu pode vir a ser uma suplência possível que propicia um outro tipo de amarração psíquica.

### **Resumo Geral:**

Lacan aborda o complexo de Édipo do ponto de vista estruturalista, elucidando - a partir da obra freudiana - como o sujeito se constitui como tal, efetuando a passagem da natureza à cultura e ganhando maturação simbólica para adentrar no circuito de trocas que o permitem estar em sociedade.

A teoria estruturalista de Lévi-Strauss se embasa na proposta de que, para que haja cultura, para que isso se perpetue, é necessário que os grupos familiares se abram para a realização de trocas simbólicas (como o matrimônio) para escaparem à endogamia, ou seja é necessário que haja consentimento com a interdição do incesto. Tal trabalho não é consciente, mas exprime relações inconscientes que envolvem uma escolha ativa do sujeito. A interdição do incesto só acontece quando se subjetiva o impossível através da inscrição do significante Nome-do-Pai. Entende-se com isso que é preciso vocação para se separar, para se abrir às diferenças sociais, visto que nada disso está dado *a priori*. E sem a inscrição da castração não há como perpetuar a construção desse projeto cultural. A passagem da natureza à cultura, o advento do sujeito não se dá sem a inscrição da castração.

A inscrição da castração a partir da operação do Nome-do-Pai (“Nom du Père” - homófono a Não-do-Pai) demonstra a possibilidade do sujeito de subjetivar o impossível e consentir com a falta estrutural e estruturante que aparecerá para a criança no primeiro momento como uma experiência de privação agenciada pelo que Lacan denominou o Pai real. Tal simbolização só é possível se a função paterna puder incidir na relação indiferenciada entre mãe

e criança, o que se dá pela inscrição do significante Nome-do-Pai pela via do complexo de Édipo.

A função paterna é um recurso, um operador simbólico, que vai permitir que tenhamos acesso às referências e recursos culturais, como a capacidade de discernimento, a subjetivação das impossibilidades que se apresentam, a capacidade de fazer cálculos frente às situações e de abrir mão de impulsos pulsionais por objetivos condizentes com a cultura. A função paterna se trata de uma função simbólica que não necessariamente coincide com o pai da realidade.

É na relação com a mãe que a criança vai experimentar a sensação de júbilo, de ilusoriamente ser tudo para o outro materno. Nesse momento, a criança ganha valor fálico, se torna o objeto preenchedor da falta - materna, nesse caso. Essa experiência dual é perfurada com a entrada do operador, do significante Nome-do-pai, que atua de forma a nomear o desejo da mãe, se sobrepondo a ele e submetendo-o a alguma outra coisa, maior, que revela a dimensão da Lei. Essa metaforização do desejo da mãe permite que o falo imaginário seja negatizado pela metáfora paterna, sendo possível a substituição deste por outra coisa. Isso permite que a criança faça a experiência de que a dimensão fálica não se reduz ao que ela possa ser ou dar para a mãe. Sem essa metaforização, o desejo da mãe pode se tornar muito obscuro. Assim, o Nome-do-pai tira a criança do perigo de se tornar servo do desejo materno, acreditando que pode preenchê-lo.

A dimensão paterna auxilia a criança na simbolização dessas questões imaginárias para um campo mais ordenado e apaziguador. Essa elaboração passa por uma modificação, transportando a ideia do “ser ou não ser” o falo para “ter ou não ter”. Quando se está nessa segunda lógica, já se entende que não se é o falo (e que também não o tem), o que demonstra a assimilação da castração. Isso inaugura um novo patamar, inclusive, direcionando para o desejo (de ter).

A **inscrição da castração** vai além da diferença anatômica entre os sexos: entra como aquilo que indica que as pessoas são incompletas. A falta no campo da fala e da linguagem. Na linguagem não se pode tudo. A diferença anatômica entre os sexos é apenas a forma como isso aparece no corpo. Essa forma de estruturar as coisas não dá conta de tudo (da fala e da linguagem). Há sempre uma falta. A linguagem não é toda.

O Nome-do-pai operando na cena é o que permite que a criança tenha uma experiência com a mãe pautada na ausência e presença a partir do momento em que ele opera nomeando e barrando o desejo da mãe. Isso abre margem pra subjetivação da falta de outros modos mais culturais, permitindo um primeiro direcionamento para o espaço público.

A função paterna aparece no Complexo de Édipo como uma nova forma de simbolizar as relações e a posição de cada um no mundo. Isso se dá com o auxílio de dois operadores simbólicos: o Nome-do-Pai e o significante Falo.

### **Breve Glossário:**

**\*Função paterna:** A operatividade desta função permite a passagem do narcisismo primário para o complexo de Édipo de modo a negativizar a incidência imaginária do falo. Como função simbólica, o significante Nome-do-Pai permite à aquisição das significações necessárias para entrar na cultura. A função paterna (NP) metaforiza o Desejo da Mãe como desejo do falo. Coloca-se no lugar deste, abrindo outras possibilidades de satisfação que incluem o sujeito como desejante, como podendo encontrar a dimensão fálica de formas mais simbólicas.

Atua como agente regulador dos gozos e da inserção na civilização. Ele se sobrepõe ao desejo da mãe, seu desejo passa a ser submetido a alguma outra coisa que transporta a dimensão desejante para algo que diz da Lei.

Chegamos ao mundo imersos em uma série de símbolos e códigos sociais, com a linguagem que de saída já nos mostra a nossa condição de castrados. É na relação com a linguagem que percebemos os mal entendidos, as não compreensões e que aquilo que encontramos não é da ordem do que procuramos. A linguagem limita e abre uma falta que impulsiona para o que é possível, para o desejo.

**\*Falo Imaginário:** Criança identificada ao único objeto que pode satisfazer o Desejo da Mãe. Objeto que completa, alto valor libidinal. A primeira incidência do falo é a criança como falo da mãe

**\*Falo Simbólico:** A dimensão paterna auxilia a criança na simbolização e essa elaboração passa por uma modificação, transportando a ideia do “ser ou não ser” o falo para “ter ou não ter”. Quando se está nessa segunda lógica, já se entende que não se é o falo, mas que não o tem. Isso inaugura um novo patamar, inclusive, direcionando para o desejo. O acesso ao simbólico na constituição do sujeito mediante a operação da metáfora paterna. A metáfora paterna leva ao recalque da experiência de si como falo imaginário da mãe. O falo passa a simbolicamente, reger os objetos de satisfação como promessas de reencontro com a satisfação perdida.

**\*A lógica fálica:**

- A mãe não é toda, a ela falta algo. A criança pode se candidatar para preenchê-la. Ela tem valor fálico.
- O fálico só ganha valor diante de uma falta - quando alguma coisa da falta transparece. Quando a mãe se mostra incompleta.
- A primeira inclinação da criança é se colocar como falo.
- A incidência do falo sempre se apoia na falta. Onde uma falta se mostra operante, há disposição para a criação.

Ainda que haja satisfação com a criança, é preciso que a falta se recoloca. Que a mãe ainda assim não seja completa.

- O pai aparece como aquele que também tem direito sobre a mãe.
- A função paterna representa uma incerteza sobre a posição fálica da criança. Mostra que a mãe é faltosa.

**\*Castração:** Para Lacan, diz respeito ao fato de que, por sermos seres de linguagem, não podemos dizer, ser ou fazer tudo.

Pai privador, interditor e frustrador. Experiências da falta que são constitutivas. E abrem para a possibilidade de uma relação com o Outro paterno que seja de transmissão e permissão para algo além da alienação no laço exclusivo com o desejo materno.

**\*Metaforização do Desejo da Mãe:** O Outro paterno passa a encarnar a ordem simbólica ao metaforizar o desejo da mãe, abrindo possibilidades para adentrar na ordem simbólica, para ter interesse em outras coisas além da trama edípica etc. A partir disso há uma repartição de papéis, um primeiro direcionamento para o espaço público, ocorre a substituição de um significante pelo outro.

**\*Os Três Tempos do Édipo:**

- O Primeiro Tempo do Complexo de Édipo se caracteriza pela relação da mãe com a criança de modo indiferenciado, sem muita interferência de um terceiro paterno. Para Lacan, se trata de uma relação triangular entre criança, mãe e falo, na qual a criança é convidada a preencher a falta materna.

- O Segundo Tempo do Complexo de Édipo diz respeito à entrada da rivalidade com a figura do pai imaginário como aquele que possui o falo, ao qual a figura materna se reporta como detentor de algo desejável.
- O Terceiro Tempo do Édipo se refere à função paterna como eminentemente simbólica. O pai simbólico é aquele apropriado como função, que encarna a Lei simbólica que regula o desejo, referindo este à cultura. O pai é aquele que metaforiza o desejo da mãe, negativa o falo imaginário, substituindo por outra coisa. Com isso, a criança faz a experiência de que a dimensão fálica não se reduz a algo que ela possa ser ou dar para a mãe.

“A intervenção paterna, por sua vez, define-se como ‘o vetor de uma encarnação da Lei no desejo’ (LACAN, 1969/2003 – “Nota sobre a criança”, p. 369)”. (OLIVEIRA; DARRIBA, 2015).

#### **Referências Bibliográficas:**

DOR, J. (1991). Pai real, o Pai imaginário e o Pai simbólico: a função do pai na dialética edipiana. In: DOR, J. O pai e sua função em psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 43-55.

MILLER, J-A. Percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Artes médicas, 1987.

OLIVEIRA, F. L. G.; DARRIBA, V. A. Sobre a importância da transmissão parental do desejo para a psicanálise a partir de um caso de obesidade infantil. Estilos da Clínica (USP. Impresso), v. 20, p. 265- 278, 2015.